

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
SANGUE E NERVO: O CINEMA DE WILLIAM FRIEDKIN  
30 de Outubro de 2023

# THE HUNTED / 2003

*(O Batedor)*

um filme de William Friedkin

**Realização:** William Friedkin / **Argumento:** Peter Griffiths, David Griffiths e Art Monterastelli / **Direcção de Fotografia:** Caleb Deschanel / **Design de Produção:** William Cruse / **Direcção Artística:** Beatriz Kerti / **Guarda-Roupa:** Gloria Gresham / **Música:** Brian Tyler / **Som (concepção):** Steve Boeddeker / **Montagem:** Augie Hess / **Interpretação:** Tommy Lee Jones (L.T. Bonham), Benicio del Toro (Aaron Hallam), Connie Nielsen (Abbie Durrell), Leslie Stefanson (Irene Kravitz), John Finn (Ted Chenoweth), José Zuniga (Bobby Moret), Ron Canada (Harry van Zandt), Mark Pellegrino (Dale Hewitt), Jenna Boyd (Loretta Kravitz), Aaron DeCones (Stokes), etc.

**Produção:** Lakeshore Entertainment – Alphaville Films / **Produtores:** James Jacks e Ricardo Mestres / **Cópia:** 35mm, colorida, legendada em português, 95 minutos / **Estreia em Portugal:** Amoreiras, Monumental, Twin Towers, El Corte Inglés, Colombo e Vasco da Gama, a 9 de Maio de 2003.

---

No coração dos filmes de William Friedkin está frequentemente um confronto ou uma relação entre duas personagens, dado por "redução" do mundo. De **The Exorcist** (o Padre e o Diabo) a **Bug** (o casal isolado), mais do que uma vez o cinema de Friedkin se concentrou nisto, equivalendo-se os filmes a um trabalho de "erosão" do que está em volta para ficar com este confronto central. Pensamos nisso durante o visionamento de **The Hunted**, filme que parece encontrar o seu sentido último na longamente preparada cena do encontro decisivo entre o "mestre" (Tommy Lee Jones) e o "discípulo" (Benicio del Toro). Ou entre o "pai" e o "filho".

Entre o "pai" e o "filho", num confronto a que Friedkin atribui uma aura bíblica. Ainda não vimos nenhuma imagem quando, no écran negro dos primeiros créditos, a voz roufenha do Johnny Cash envelhecido (que morreu no ano em que **The Hunted** se estreou) nos vem lembrar o pedido que Deus fez a Abraão: "kill me a son". Com essa alusão gravada desde o princípio no espírito do espectador, a conotação não se perde e paira pelo filme todo. É ela que faz com que nas primeiras imagens, de combates e destruição durante a intervenção americana no Kosovo, aquele mar de chamas filmado em impressionantes planos gerais tenha uma leitura imediata ainda do foro bíblico: é uma imagem do Inferno, com certeza. E é este, digamos, o invólucro dentro do qual Friedkin embala a história que tem para contar.

Que puxa por outras conotações, mais terrenas e circunstanciais, sobretudo numa época pós-11 de Setembro, sucedido apenas dois anos antes. **The Hunted** é

contemporâneo da invasão do Iraque, factor que não deve ser esquecido. E sendo o filme uma reflexão sobre o condicionamento para a guerra, sobre a transformação de homens em máquinas de matar, em "autómatos" como a certa altura se diz no filme, o plano da leitura metafórica também tem um sentido óbvio: Abraão é uma metáfora para a América, e os filhos que ela mata, transformando-os máquinas de guerra, são os seus próprios filhos. Em **The Hunted** morrer ou sobreviver não são coisas muito diferentes, e mesmo quem sobrevive à guerra (como a personagem de Benicio del Toro) já está, de certa maneira, "morto". Se há cineasta "desaparecido" do cinema americano contemporâneo é Samuel Fuller, e **The Hunted** deve ter sido o momento, nestes últimos anos, em que um filme americano mais pareceu ter vontade de dialogar com o cineasta de **The Big Red One**.

A outra referência que vem facilmente à memória é o bom velho Rambo de Stallone, em especial a sua primeira iteração, o **First Blood** dirigido por Ted Kotcheff. **The Hunted** foi muito criticado, na altura da sua estreia (e deve ter sido o pior recebido de todos os filmes de Friedkin), pelo facto do seu argumento ser basicamente uma "reformulação" do de **First Blood**: a história do veterano de guerra (naquele caso, da guerra do Vietname) incapaz de se ajustar à vida banal da paz, que um dia se descontrola definitivamente e precisa de ser caçado ("hunted") por aqueles que o "criaram" e enviaram para a guerra. E é verdade, são, no seu esqueleto, histórias muito parecidas. A diferença fundamental (para além de questões de detalhe narrativo) está no facto de Friedkin erradicar a psicologia e as demonstrações de carácter psicológico; a sua chave é outra, como já vimos, é de ordem mítica e cultural. E diríamos mesmo que o que lhe interessa (ainda a "morte em vida") é a anulação da psicologia, a anulação da personalidade – nas longas cenas, abundantemente pormenorizadas (e ao que parece, muitíssimo realistas), em que os soldados são minuciosamente preparados para se tornarem em máquinas de combate corpo a corpo, ensinados a reagirem por instinto, condicionamento e "programação", esse é o aspecto mais saliente. E esse é o momento em que, de facto, Abraão mata os seus filhos.

Luís Miguel Oliveira